



ANO**2**VOLUME**3**

Dissolução Luciano**Mendes**

Desvio**para o Azul** Ana**Ferreira**

Hipotermia Max**Reinert**

Os**que se Veem** Ana**Johann**

núcleo de dramaturgia sesi **paraná** curitiba



Dissolução

Luciano Mendes

Desvio para o Azul

Ana Ferreira

Hipotermia

Max Reinert

Os que se Veem

Ana Johann

ANO 2 VOLUME 3

Curitiba Paraná Brasil

SESI – Serviço Social da Indústria

Departamento Regional do Paraná

Presidente da FIEP

Edson Campgnolo

Diretor Superintendente SESI PR

Jose Antonio Fares

Os direitos de reprodução, de adaptação ou de tradução desta guia são reservados ao SESI - Departamento Regional do Paraná, inclusive a reprodução por procedimento mecânico ou eletrônico.

Dissolução. / Mendes, Luciano. Desvio para o azul. / Ferreira, Ana. Hipotermia. / Reinert, Max. Os que se veem. / Johann, Ana. – Curitiba : SESI/PR, 2011. 179 p. ; 20 cm. – (Núcleo de dramaturgia SESI Paraná, v. 3).

ISBN 978-85-61425-58-6

1. Teatro (Literatura). 2. Teatro brasileiro. 3. Literatura paranaense.

I. Mendes, Luciano. II. Ferreira, Ana. III. Reinert, Max. IV. Johann, Ana. V. Títulos.

CDU 792

Direitos Reservados:

SESI – Serviço Social da Indústria

Departamento Regional do Paraná

Avenida Cândido de Abreu, 200

CEP 80.530-902 – Curitiba – Paraná

Telefone: (41) 3271 9000

Sumário

Apresentando o projeto	07
Apresentando o Núcleo	09
Parceria Teatro Guaíra	11
Parceria British Council	13
Prefácio	15
Dissolução Luciano Mendes	19
Desvio para o azul Ana Ferreira	57
Hipotermia Max Reinert	99
Os que se veem Ana Johann	147

as realizações que de uma forma ou outra ajudam a melhorar o cotidiano ou tornar mais promissor o futuro dos cidadãos costumam ter mais resistência ao tempo e, portanto, enriquecem a história de empresas e entidades, independente do seu setor de atuação. Entre elas, a cultura se destaca como uma das atividades que mais impactam a vida das pessoas, porque eleva o conhecimento, abre horizontes e dá prazer ao espírito.

A partir dessa ótica, é possível entender a importância da presença do Sesi Paraná na área cultural. Com o Núcleo de Dramaturgia, a entidade assume o importante papel de apoiar a formação de novos autores teatrais e de aprimorar talentos já em desenvolvimento. E, é claro, de valorizar o público, que tem a oportunidade de conhecer e vivenciar cultura de alta qualidade.

Dispensável dizer que o teatro não existe sem o autor, o que dá a dimensão deste programa, cujo objetivo é contribuir para melhorar a qualidade da dramaturgia no Paraná, com autores que falem dos anseios e angústias de todos nós.

É importante notar que São Paulo e Rio de Janeiro se tornaram, há pouco mais de uma década, celeiros da dramaturgia contemporânea, com autores reconhecidos no Brasil e no exterior. O nosso Núcleo de Dramaturgia coloca o Paraná nesse circuito criativo ao dar vazão aos talentos da terra e, também, ao atrair para cá, como parte das atividades de formação dos novos autores, dramaturgos consagrados pela crítica e público.

Esta publicação, já na sua segunda edição, traz textos dos novos autores formados pelo Núcleo de Dramaturgia Sesi Paraná e é a clara evidência do excepcional resultado dessa iniciativa.

Boa leitura.

Edson Campagnolo

Presidente do Sistema Federação das Indústrias do Estado do PR

a solidez dos empreendimentos se confirma pela sua continuidade. A continuidade, por sua vez, manifesta-se em trabalhos exitosos. Esse é o panorama que se percebe quando dirigimos a vista ao Núcleo de Dramaturgia, projeto realizado em parceria com o Centro Cultural Teatro Guaíra e apoio do British Council, com coordenação do dramaturgo Marcos Damaceno.

A cada ano, um ávido e crescente número de participantes demonstra interesse em ingressar nesta iniciativa do Serviço Social da Indústria – Sesi/PR e, por outro lado, os integrantes precedentes avançam seus trabalhos fortalecidos pela experiência dos anos anteriores.

Apenas em seu terceiro ano de existência, o Núcleo de Dramaturgia Sesi Paraná soma diversas montagens dos textos produzidos, dentre os quais, alguns já premiados e, outros, apresentados fora do circuito da capital. Além disso, conta com o reconhecimento da crítica e da imprensa local e nacional que volta os olhos para as novas vozes que aqui surgem. Tem em seu currículo a expansão das oficinas para outras cidades do estado, propagando, ainda mais, o incentivo aos talentosos dramaturgos ainda desconhecidos.

No término dos trabalhos de 2010, mediante a aguda supervisão do diretor e autor Roberto Alvim, os dramaturgos integrantes do Núcleo submeteram seus textos à avaliação de uma curadoria externa, a qual selecionou 18 obras destacadas por sua singularidade e excelência dramática.

Que este projeto de apoio e incentivo à cultura brasileira se robusteça continuamente sem que se extinga seu frescor inicial de conduzir as artes cênicas além de nossas expectativas.

José Antonio Fares
Diretor Superintendente do Sesi Paraná

O surgimento de novos nomes da dramaturgia depende de iniciativas como a que vem sendo proposta pelo SESI/PR., através de seu Núcleo de Dramaturgia.

O Centro Cultural Teatro Guaíra sente-se especialmente honrado em poder contribuir com este projeto.

Parabenizamos a todos os envolvidos neste trabalho e em especial aos selecionados para terem seus trabalhos publicados nesta edição. Que sua trajetória na criação de textos teatrais seja de sucesso. Que este seja apenas um texto entre tantos outros que marcarão seus nomes na história da dramaturgia contemporânea.

Monica Rischbieter

Centro Cultural Teatro Guaíra

É com grande orgulho que o British Council reitera seu apoio ao Núcleo de Dramaturgia do SESI Paraná, cuja série de conquistas e realizações tem nutrido os sonhos de novos dramaturgos, consolidando-se como um pólo de excelência para o florescimento da dramaturgia brasileira.

Esta publicação reflete mais um ano de trabalho desenvolvido pelo Núcleo, sendo uma prova do talento e energia que podemos encontrar no Paraná, cuja voz distinta continua a reverberar.

O British Council é a organização internacional do Reino Unido para educação e relações culturais. Busca estabelecer a troca de experiências e fortalecer laços que resultem em benefícios mútuos entre o Reino Unido e os países onde atua nas áreas de língua inglesa, cultura, esportes e educação. O British Council está presente em mais de 100 países e no Brasil tem escritórios em Brasília, Rio de Janeiro, Recife e São Paulo.

Jim Scarth
Diretor do British Council, Brasil

Uma revolução está em curso

No Brasil, raras são as políticas culturais que se perpetuam. Isto é catastrófico, posto que a cultura fica ao sabor de eventos, de vontades que variam ao sabor das circunstâncias. É imperioso que projetos bem sucedidos no campo do fomento e desenvolvimento artístico e cultural tenham continuidade, e se coloquem como mecanismos efetivos e estruturantes na construção de nossa produção criativa. Ao final de dois anos, e já em meio ao seu terceiro ano de atividades, o Núcleo de Dramaturgia Sesi Paraná vem afirmando sua vocação (de continuidade na formação e amadurecimento de toda uma geração de autores) de modo decisivo no panorama do teatro paranaense e – sem dúvida – também no panorama do teatro contemporâneo brasileiro.

Há uma revolução – em termos de forma e conteúdo, instâncias indissociáveis aqui – em curso nestas obras. Outros sistemas dramáticos, que nos permitem experienciarmos o tempo, o espaço e a condição humana de modos insuspeitados até então. Estes sistemas, erigidos com originalidade por seus autores, renovam a dramaturgia contemporânea e expandem os limites do teatro – além de desencadear uma reflexão profunda acerca do modo como vivemos nossas vidas. São novos procedimentos técnicos, que surgem por conta das visões de mundo singulares dos dramaturgos. É como se as técnicas existentes não dessem conta de traduzir e expandir cenicamente estas visões – o que torna incontornável a invenção de procedimentos e operações dramatúrgicas fundantes.

Descrever tais procedimentos é tarefa necessária, mas para tanto será preciso uma publicação teórica específica, haja vista a complexidade do material; por ora, poderíamos apontar algumas operações que saltam aos olhos mediante uma primeira análise:

1- Deslocamentos permanentes, tanto no tempo/espaço quanto nos modos de subjetivação, construindo miríades de trânsitos em contraste e ruído, produzindo experiências singulares e autônomas por parte de cada receptor;

2- Polissemia, através da proposição de signos indecidíveis quan-

to ao seu significado último, mas poderosos o bastante para instigar nosso imaginário na procura por seus infinitos sentidos possíveis;

3- Construção de mimeses cognoscíveis como a instauração de solos para saltos em direção a mimeses incognoscíveis (a proposição de novas mitologias, de novos moldes arquetípicos);

4- Outros desenhos da condição humana, que apontam para outras possibilidades de vivenciarmos nossa humanidade (Dramáticas do Transumano), através da criação de arquiteturas linguísticas que transfiguram poeticamente o real e que nos proporcionam outros modos de habitar a vida;

5- A crença (operacional para estes autores) na obra de arte como um sistema complexo de relações formais, construído no mais amplo diálogo com sistemas anteriores, que nos proporcione uma experiência estética para além da vivência proporcionada pela cultura de massa.

16

Uma arte só sobrevive na medida em que se reinventa; sempre foi assim na história do teatro, desde Ésquilo, Sófocles, Eurípedes, Shakespeare, Ibsen, Tchekov, Nelson Rodrigues... São estes grandes dramaturgos do passado que nos servem de exemplo (e não de modelos): autores que deram contribuições que ressignificaram completamente a dramaturgia (e a humanidade) em seus períodos de atuação. Não se trata aqui de descobrir o passado, mas sim de inventar o futuro – ecoando, portanto, o impulso criador de todos os mestres de outrora.

As peças produzidas por este grupo de autores (talentosos e comprometidos com sua arte em um nível assustador) estão entre o que há de mais revolucionário na dramaturgia contemporânea internacional, e muito em breve irão conquistar o lugar que lhes é próprio no panorama do teatro do século XXI. Que o Núcleo de Dramaturgia SESI Paraná se perpetue por muitos anos: trabalhamos sob o signo do amor ao teatro, em prol da liberdade artística, procurando ampliar as possibilidades da vida humana para além de qualquer forma ou discurso hegemônico, e não poderíamos estar mais felizes.

Roberto Alvim

LucianoMendes
Dissolução

{Peça escrita durante a Oficina Regular do Núcleo de Dramaturgia Sesi Paraná, sob orientação de Roberto Alvim, no ano de 2010}.



LucianoMendes
Dissolução

Ao meus pais, por me permitirem ser. À Semyramys, Samuel, Marcia, Paula, Louise, Thais, Hanna e meu irmão Lucas, por me incentivarem a escrever.

Awood

sem direção

sem foco

como a fumaça

do cigarro que

se espalha

eu me

perco

e não sei mais

quem sou

eu sinto meu coração

forte

rítmico

prestes a explodir

não vai explodir

pois
é como a fumaça
e se espalha
sem barulho
apenas
desaparece
o desejo murcho
o desejo morto
o desejo nulo
que me resta
é incapaz de
manter as forças de atração
entre os átomos
que me formam
carbono
hidrogênio
enxofre e nem sei
mais o quê
me desagrego

sem forças
o começo do
fim
encarcerado
em mim
não sei mais aonde ir
acendo esse
cigarro – e nem ao menos
quero
fumar
sem direção sem
foco não sei mais
onde ir a
fumaça que se espalha e se dissolve e se perde
se torna
invisível como parte do ar
me espalho e me dissolvo e
me perco
me torno

invisível
como parte da morte
como parte dos
dias

Me'ahevet

o que você pensa
que vai conseguir
que eu tenha pena
que eu te despreze
que eu te ame
não
se sente não se faz
nada
a respeito dos dias
ou da morte ou do ar ou da fumaça
eu não me importo
com sua tristeza

não
me importo com
seus sentimentos confusos
suas desesperanças
ou os poemas idiotas
que você
escreve com sangue

Awood

não esqueça
que todas
e
cada uma
das vezes
fui eu quem
te desprezei
não quero
que se

importe

eu

simplesmente

não quero

coisa

alguma

Me'ahevet

por que

por que

por que então você não

morre e me deixa

em paz

sem que

essa sua dor

estrague a lembrança

da felicidade

Awood

sem rumo

sem direção

como

a fumaça de

um cigarro

que

eu acendo sem ao

menos querer

fumar

desapareço

me dissolvo

no ar

como se fosse parte

dos dias como se

fosse

parte da morte

Me'ahevet

eu segui

com a vida

eu até esqueci

que você

existia

você

e sua falta

de desejo

seu desejo morto seu desejo murcho

seus cigarros sem vontade e seu uísque anestésico

os comprimidos de felicidade

que sempre acabavam no ralo

porque com eles

dizia você

não se pode escrever porque

com eles não

sou eu

dizia você

mas eu esqueci tudo
isso como
se fosse parte
dos dias
como se fosse parte
da morte
e continuei
com a vida
só que a mancha da
sua miséria
me maculou para sempre

Awood

por outro lado
nunca esqueci
e nunca vou esquecer
de nada
que disse

de nada que fiz
cada palavra
cada lágrima ou gota
de sangue
cada fio de baba
de tudo me recordo
menos
de mim
me recordo de tudo e não esqueço de nada
mesmo daquilo
que fingi
nunca saber
e de tudo
que nunca acreditei

Me'ahevet

por acaso algum
dia acreditou

em algo
não no amor nem
na liberdade até mesmo
seus esforços
para crer em
algo maior que
tudo foi em vão
nem mesmo em si
acreditou
por acaso algum
dia

Awood

minha única verdade
sempre foi a
descrença
meu único sentimento
sempre foi a dor

ensimesmado
preso acorrentado
dentro
da caixa
da minha alma
se é que
um dia tive uma
por acaso
algun dia

Me'ahevet

você não faz ideia
depois que
se foi da minha vida
o que passei
sofri chorei tentei
esquecer
porque amei você

porque aceitei
você dentro de mim
e quis ser parte
do seu mundo
podre
onde tudo é
parte dos dias
parte da morte
por acaso
seu egoísmo
sem filhos sem liberdade
sem amor sem vida
apenas acreditava em
não acreditar
apenas vivia para
um gesto derradeiro
que nunca cometeu
não era fácil
a corda ou a lâmina do bisturi

os pulsos ou mesmo a jugular
quem sabe um tiro
e você prometeu
que não me amava
porque só sabia
disso
porque era parte dos dias
parte
da morte

Awood

seria fácil
seria muito fácil
eu poderia
fingir amar
eu poderia fingir acreditar
e mentir sobre
ser feliz

e um dia
por acaso
não mais acordar
mas o que
então
aconteceria
sofri
depois que você se foi
como se fosse parte dos
dias parte da morte
sem filhos sem vida
sem amor sem
nada
sem um único
sentimento sequer
apenas o desejo
murcho
morto
vazio

um dia por

acaso

Me'ahevetet

e agora

que nos reencontramos

não existe mais

nós

pois esqueci

de você

amei e amei e amei

várias vezes

vários dias

e nunca foi por acaso

tive filhos

fui livre

e esqueci

de você

mas nunca
da sua
dor
como se fosse parte
dos dias
como se fosse parte
da morte

Awood

eu nunca esqueci
de nada
mesmo que por acaso
algum dia
tenha fingido esquecer
como se fosse parte dos dias
como se fosse
parte da morte
eu nunca esqueci

e eu nunca acreditei

Me'ahavevetet

você quem

nunca

esqueceu eu

quem nunca

lembrou-se

apesar

de tudo

apesar

do tempo

apesar dos dias

e da morte eu

penso em algo que não

foi

algo que nunca lembrei

Awood

um dia

uma semana

nós dois quase um

ano depois

você ainda sangrava

você ainda

tinha dores mas ninguém

se dava conta

apesar

de tudo eu

vi

Me'ahevetet

um dia

uma semana

nós dois quase um

ano depois

eu ainda sangrava
eu ainda
tenho dores mas ninguém
se dá conta
apesar de tudo
você
viu
apenas você

Kloun

e eu
estive lá
o tempo todo
em que nunca
existi
eu estive lá
o tempo todo
em que deveria

ter sido algo

Awood

e ele

que nunca

existiu nós não

permitimos

e assim

entre nós

mais um

fantasma

mais uma

dor

Me'ahevetet

foi você

que não existiu

foi você
que se negou
eu sempre quis
a vida mas
desisti
em seu nome
eu sempre quis
um filho
mas desisti
em seu
nome

Kloun

vocês dizem cor
mas eu digo sangue vocês dizem
fantasma mas eu digo
eu
vocês dizem desistir

e eu não
quebro o silêncio

Awood

como se fosse parte
dos dias como se
fosse parte
da morte
nunca escapei
nunca desejei
pois tudo era
morto tudo era nada
como a fumaça do cigarro eu
me espalho eu me separo eu me
dissolvo
como os mortos
que eu enterrei eu
lamento mais

de uma vez
por todas
eu ainda vejo seu sangue

Me'ahevetet

meu sangue não
meu sangue não é meu sangue
meu sangue não é
minha cor
minha voz
tudo isso foi você
quem fez foi
você quem
tirou foi
sempre
você

Kloum

meu sangue não

é meu

sangue é

minha cor

de vocês

tudo isso é

nada

vocês dizem cor

eu digo sangue

vocês dizem nada eu

digo

morte

Avoood

de todos os vazios entre

os tempos de todas as distâncias entre as

filas de

soldados das brechas
de tapume das portas
que fechamos mal
das mãos
que separamos do vazio
entre os corpos
nasce uma planície um
deserto
para onde
eu vou sempre
onde eu sempre
estive

Kloum

nesse vazio nessa
solidão
um deserto a fumaça
onde você diz que

está eu

sou

Me'ahevetet

de todos os vazios o

que mais me dói

é o que vocês

deixaram dois

fantasmas

sempre como seres dormentes

e palpitantes

que saltam de

meu corpo

sempre

Kloum

ouço meu sangue e tua

voz numa única
pulsação
vejo teus olhos e minha
miséria num único
clarão
sempre

Awood

acendo um cigarro e
nem ao menos quero
aceno um adeus e nem
ao menos
sei
porque
mas é o que faço
como se fosse parte
dos dias como se
fosse
parte da morte

Me'ahevetet

dois fantasmas

como seres dormentes e palpitantes

que saltam

de meu corpo

Luciano Mendes

Estudante de medicina e de literatura polonesa, Luciano sempre interessou-se por ler e assistir teatro- nunca atuou, dirigiu ou escreveu nada do gênero antes de entrar no Núcleo de Dramaturgia do SESI, quando surgiu ‘Dissolução’. Antes disso, porém, escrevia contos e poemas, além de dedicar-se à pesquisa científica.



Ana **Ferreira** **Desvio** para o azul

{Peça escrita durante a Oficina Regular do Núcleo de Dramaturgia Sesi Paraná, sob orientação de Roberto Alvim, no ano de 2010}.



Ana**Ferreira**
Desviopara**o**azul

(Cena azul. B entra, abre o chuveiro e se coloca em baixo.

A surge bruscamente na banheira)

A – Sempre. O tempo que estivesse por perto. À mesa de jantar, no meio da sala de TV. Bastava alguém se levantar para ir pegar mais comida. Eu me lembro de uma vez. Eu tinha seis anos. A gente estava na varanda. Na varanda. Ninguém nunca via nada. Agora todo mundo sabe. Acredita. *(Pausa)* O que ele falou pra que você ficasse tão nervosa?

B – Você queria o que? Que eu desse beijinhos? Não me lembro de nada. Ele mesmo me contou no dia seguinte. Rindo. Não vou contar.

A - No seu marido você dá.

B - No MEU MARIDO.

A – Depois de um tempo todo mundo esquece.

B – EU NÃO. (*Pausa*) Não é nada com você.

A – Desculpa.

B – Não é com você.

A – Eu só falo.

B – Gosto de te ouvir. (*Pausa*) O vô ainda vai a casa dele.

A minha ele não vai. Mas a dele, mesmo reclamando da sujeira, dizendo que é nojento, a dele ele vai. Diz que é por causa do meu marido.

A – Ele é neto.

B – Eu também sou. Meu marido nunca aprontou.

A – Ah, não?

B – Nem se compara.

A – É isso que ele faz. Ele some. Depois de um tempo todo mundo esquece. Ninguém dá atenção para o que eu falo.

B – Não vou contar.

63

A – Mas você eles ouvem.

B – Eu só quero tomar um banho em paz. *(Pausa longa)*

Alívio. Sou uma pessoa nova.

A – Meus dedos estão enrugados.

B – Sua água está suja. Já é um ensopado de você.

A – (*Irônicas*) E você é que vai trocar a água do aquário.

B – Claro.

A – E me deixar um pouco de ração.

B – Exatamente.

64

A – Apenas duas bolinhas. Ou eu posso morrer intoxicada.

B – Sou ótima com animais.

A – É sua especialidade. (*Cessam a ironia. Pausa*) Desinfetei tudo aqui pra você.

B – Tem um cheiro bom de ar puro.

A – Eu prefiro apenas o vapor. O cheiro da água. Mas de-

sinfetei pra você.

B - Você gostou? (*Pausa*)

A – Ele disse isso?

B – Quando todo mundo descobriu. Acreditou.

A – E você acredita?

65

B – Só no que você disser. (*Pausa*) Como é quando você menstrua aí?

A – Azul.

B – Seu sangue?

A – É. Eu sou nobre.

B – Você é um polvo. (*Riem*) Isso deve feder. (*Riem*)

A – Eu sou nobre e cheirosinha. Eu tomo muito banho.
(*Riem muito. Param aos poucos*) Passa-se no século XVII.
Nós somos nobres. Educadas com a etiqueta da corte.
Mas de madrugada. Reunimo-nos com outras mulheres.
E deitamos nuas no capô de um carro para beber e observar as estrelas. Nós conversamos muito. E rimos. Como as bruxas. (*Pausa*) Eu tentei.

B – Eu gostei.

A – Mas não posso agüentar.

B – O que?

A – Que bom que você é mais forte e mais bonita. Você é melhor. Eu só sei viver aqui.

B – Eu gosto.

A – Protegida. Da luz. Do ar empoeirado. Dos cheiros grosseiros. Das linhas definidas. Embriagada de vapor.

B – É bonito.

A – Dos seres que são só humanos. Eu não caminhei até aqui, sabia? Eu caí. Ou eu nunca saí. Não sei.

67

B – Eu te coloquei aí.

A – Quanta arrogância.

B – Te achei aí.

A – Me aceitou aqui. Quando todos riram. Quando todos acharam divertido que eu confundisse a neblina com o mar. Quando descobriram como eu enxergava e acharam

engraçado. E acharam-se grandes. E acharam-me subordinada, dependente, carente. Isso eu tenho claro. O momento em que você chegou.

B – Me lembro. *(A imerge na banheira)* Dói. *(A surge na banheira)*

A – Você disse alguma coisa?

68

B – Para o meu marido. Ele não diz nada. Não acredita. Não quer ouvir.

A – Ele acha que a culpa é sua?

B – Que é intriga.

A - Sua?

B – Ou coisa da minha cabeça.

A – Você disse que sempre aconteceu comigo? (*Pausa*)

B – Disse.

A – Ele acha que eu sou louca? (*Pausa*) Que você está enlouquecendo por minha causa?

B – Ele não é de falar.

69

A – VAI SE FUDER ESTA DROGA DO SEU MARIDO.

B – Ele não disse nada. (*A imerge na banheira. Volta*)

A – POR QUE É QUE VOCÊ CARREGA ESTA MERDA?

B – Você persegue ele.

A – VOCÊ ESCOLHEU UMA MERDA DE VIDA.

B – É A MINHA VIDA.

A - MERDA DE VIDA.

B – Eu gosto. (*Pausa*)

A – Passa-se na praia.

70

B – Na praia?

A – Duas meninas...

B – Qual praia?

A – ESTOU CONTANDO. Duas meninas saíram de um ovo. O ovo era frágil e se sentiu solitário. Uma das meninas ficou para fazer companhia para o ovo. A outra foi embora e se afogou no mar. De tristeza o ovo morreu. A primeira menina ficou sozinha. E casou.

B – Não gosto dessa.

A – Qual é o problema com a sua vida?

B – Estes são os seus problemas. Os meus são outros.

A – Por que é que você contou pra única pessoa que não te ouve?

71

B – Eu contei pra você.

A – Só porque eles nunca vão me ouvir.

B – Não é preciso. Eu falo de você.

(Cena mais azul. A está na banheira. B entra com a roupa ensopada)

B – Está chovendo.

A – E o que o vento diz?

B – Schiiiiiii...

72

A – Um belo dia azul interrompendo seus dias quentes?

B – Calmo.

A – E você ainda quis vir?

B – Queria um pouco com você.

A – Eu estou transbordando. Minha pele está seca.

B – A alergia a água?

A – As vermelhidões estão virando feridas.

B – Você precisa sair.

A – Estou bem. E você quer também.

B – Eu disse um pouco.

73

A – Porque é covarde. Eu não sabia que você viria. Não desinfetei nada.

B – Tudo bem com cheiro do vapor.

A – Vai. Toma um banho. *(B abre o chuveiro e se coloca em baixo)*

B – Ontem eu falei de você. Falei no passado. Antigamen-

te as pessoas choravam. Não sei se por você ou por como eu falava de você. Mas é curioso que já não chorem. Acho que aceitaram. Pensei que era bom que eu te dissesse isso. Pensei que acabou para eles. Que aceitaram. É bonito. É bom.

A – Há quanto tempo o chuveiro está queimado?

74

B – O que?

A – O chuveiro. A água gelada.

B – É. Está.

A – Você não se importa?

B – Na casa dos outros...

A – Minha água é quente. Você sabe. Eu não gosto da

água fria. Não suporto.

B – Não queria te incomodar.

A – É por isso que você tem vindo não é?

B – Eu venho porque gosto de te ouvir.

A – E falar. Quero ouvir a sua voz.

75

B – O vô perguntou de você. Se você não gosta dele. Porque você não vai lá. Acho que ele é o único que nunca aceitou.

A – Dos outros não. A sua. De como se acostumou com a água gelada. De quando passou a precisar.

B – O que significa isto?

A – Muito.

B – Você fantasia demais.

A – É um bom argumento. Sempre funciona quando se trata de mim.

B – Eu só quero tomar um banho em paz.

76

A – Não fuja. Por favor.

B – Eu sempre venho.

A – Eu estou sempre aqui.

B – Mas você não aceita de todo.

A – Não seja cruel.

B – A sua pele não aceita.

A – Aceita.

B – Ela não gosta da água. Está irritada.

A – Ela apenas sente falta de você.

B – É mentira.

77

A – É. Mas eu gosto quando você vem. *(Pausa)* Há quanto tempo?

B – Que importa?

A – Ah, claro, não importa. Então vamos ao que importa.
Passa-se onde?

B – QUE IMPORTA?

A – Você importa. Me importa. Depois de tudo isto, depois da água, de onde eu existo, você ainda me importa. Quando eu sou completa apenas comigo. Você ainda importa pra mim. Se você se esconde eu me resseco. E você esconde muito por baixo das suas benevolentes e caridosas ações. O que mais resta para eu descobrir? É necessária uma investigação profunda? É necessário algum tipo de chantagem? Eu não posso com isso. Com nada disso. Eu consumo minha energia toda e nada sobra para que eu possa me defender negociar ou articular com outros. E eu fico me perguntando: posso confiar no que você sente por mim? Ou eu poderia ser um pouco mais razoável diante da situação que se apresenta e aceitar que eu sou novamente usada, descartada e ignorada? A presa fácil. Você fez um trabalho muito bom, é muito boa nisto. Foi paciente durante um tempo tão grande, eu realmente me envolvi. E aí o que me resta se não desejar postumamente que você sufoque em culpa? Aliás, isto eu espero desde já, saiba.

B – Você está sendo má.

A – Não. Você está. Eu estou sempre aqui. Você sabe de mim.

B – Não deveria. Sua pele já não suporta.

A – Quero ouvir a sua voz.

79

B – Posso ir embora?

A – Sim. E me deixar. E se deixar. Mas você é forte. Mais forte e mais bonita.

B – E por quê?

A – Por nós. Por nós. Por você e por mim. (*Pausa*) Por mim, por favor. (*Pausa*)

B – ESTE GRITO É MEU TÓRAX MINHA GARGANTA
MEU SOCO DE AR E POEIRA SEM RIGOR MOTIVO
NINGUÉM SÓ SOA EU SUA TODAS AS PAREDES ES-
CORRE INUNDA TODO O BANHEIRO E EU RESPIRO
FUNDO NO OCEANO DO MEU FUNDO ONDE O PÓ SE
DISSOLVEU E TUDO É ÁGUA AR LÍQUIDO FEITO DO
NADA DE MIM DESTE GRITO QUE É SÓ MEU TÓRAX
GARGANTA NADANDO EM SI ESGOTANDO OS MÚS-
CULOS SUANDO O AR. ESTE SILÊNCIO TAMBÉM É
MEU. *(Pausa longa)*

A – Eu gostei. Você é mesmo mais forte. E melhor. *(Mer-
gulha na banheira. Pausa)*

B – Irmã! *(Pausa)* Irmã! *(Pausa)* IRMÃ! *(Pausa. B, nervo-
sa, vai embora correndo. Deixa o chuveiro aberto. Pausa.
A volta a aparecer na banheira)*

A – Passa-se hoje. Chove. Fora daqui. Dia de fazer res-

gates mútuos. Mas eu sou abandonada. Por mim. Eu vivo meu inverno. Meu repouso. Meu monólogo. Só eu choro. Choro só. Choro água doce. Porque os suicídios são mais belos nos rios. Porque morrer me faz feliz. Me faz merecer o dia. Eu não me protejo da morte. Escolhi ser fraca. Morro sempre. Agora. Só. Na água doce.

(Cena muito mais azul. O chuveiro está ligado. A está na banheira. B entra correndo em direção a ela e a puxa para fora. Arrasta-a. Dá tapas em seu rosto)

B – *(Dando tapas em A)* Maldita! Vaca do caralho! Egoísta! Sua puta de uma merda! Você é a mais velha. Covarde! Um pouco de compaixão por mim! *(Para de bater e se levanta)* Não é assim tanta coisa. É pouco. Só um pouco de compaixão por mim. *(Pausa)* Não seja tímida. Você esperou tanto por isso. Passa-se onde? *(Pausa)*

A – Em um banheiro escuro e úmido.

B – Tá, e aí?

A – As plantas. Trepadeiras. Já ocupam o chão e o teto. Já não se sabe de que cor um dia as paredes foram pintadas. Uma porta se abre. A luz entra. O banheiro branco. A luz ocupa todo o chão e o teto. Com o branco da luz, já

não se sabe do verde com o qual um dia as paredes foram tomadas. Já não se sabe da porta. De nada mais.

B – Mas você sabe. Da porta. Da luz. Das cores.

A – Eu sei.

B – E você sabe que eu não.

A – Eu sei.

B – Nem ninguém.

A – Sei.

B – Foi por isso que eu vim. Mesmo que você seja uma egoísta sem vergonha. Porque você vê melhor. *(B se deita dentro da banheira)* Mesmo assim, este lugar não é só seu. *(Mergulha suavemente na banheira e volta)* Este não

é mais um encontro barato.

A – Vai ficar aí? Está chovendo muito lá fora.

B – É este o momento em que você começa a me odiar também? Ou já está acontecendo desde que eu te interrompi? Que te arranquei da sua aguinha suja.

A – Você deveria ir. Eu não posso fazer nada por você.

B – Ah, você tocou na pergunta. O que fazer? A sua irmã se tornou um dos outros. Do resto do mundo mau. Das pessoas que te interrompem. Gente má, muito má.

A – Eu não sei o que você espera.

B – Acontece que me jogar pra fora não é uma opção desta vez. Não eu. Não quando eu não deixo.

A – Não sei mesmo.

B – Então será que você vai ter que me matar? Ou será que eu, daqui, vou assistir você morrer, aí, lentamente? Você sabe que estas também não são opções comigo, não se eu não permitir.

A – Por que você simplesmente não se vai?

85

B – E eu não vou. Então a pergunta ainda paira. O que fazer? Tenho uma sugestão. É mais um palpite. Você vai ter que aceitar a minha presença. Você achou que tinha feito algo difícil.

A – Eu estou te pedindo.

B – Mas agora veio algo maior, irmã.

A – Por favor.

B – Eu também estou na água.

A – Por mim.

B – Você vai se encontrar comigo. Não me interessam as suas escolhas, eu estou aqui agora. E eu vou te interromper. / O tempo todo.

A – Passa-se em terra seca. Estamos cercadas. De prédios. De ruas vazias. De pontos ocos. De cheiro de morte. De uma cor laranja destruidora. De um som vivo do medo. Da anunciação do fim. Fim de algo do qual não se sabe.

B – O MEDO DA MORTE EU ENTERREI COM O MEDO DA VIDA E DOS SONHOS

A – Um menino passeia com seu cachorro na coleira. Tranquilo. Seus pais permitiram. Ou pediram.

B – EU CRIO ALIMENTO O MEDO ÓDIO PELAS CRIANÇAS QUE SOFREM SENTEM CAUSAM DOR COM SEUS PROTÓTIPOS FRACASSOS DE PAIS

A – Você não está lá. Eu também não. Nós apenas assistimos a tudo. A cor laranja engrossa. O silêncio fica quieto. Só o cão se move.

B – MEU GRITO ESTÁ MUDO SEM ÁGUA ABAFADO PELO PÓ

87

A – A linha aparece. Brilha. Fósforo excitado pela luz de vida jovem. Canta suave.

B – CORRA MENINO CORRA CORRA CORRA CORRA

A – O menino atravessa. *(B Solta um grito curto agudo)* A dor imensa arde no estômago. Eu choro. Você desmaia. Não é o fim do mundo. É bem diferente. É quieto. *(Pausa.*

B chora) Desculpa. Eu vou cuidar de você.

(Cena profundamente azul. B ainda está na banheira. O chuveiro continua ligado. A água inundou o banheiro. A está sentada no chão. A água já cobre suas pernas. E continua subindo)

A – Uma floresta. É noite. O vento urra. Está muito bravo. Tem esta tarefa para você. O céu está estrelado. Talvez haja ursos. É insuportavelmente frio. O vento urra novamente. Não há mais tempo.

89

B – EU CORRO COM FORÇA SEM OLHAR PARA TRÁS
E SEI QUE ESCAPO NO SALTO PARA O LAGO GELADO
NO MEU CORPO QUE AFUNDA QUANDO AS FASCAS
PERFURAM TRAVAM CADA MOVIMENTO DAS MINHAS
COSTELAS EU SÓ SANGRO E MANCHO TODO
O LAGO DE UMA TINTA AINDA MAIS ESCURA QUE A
ÁGUA A NOITE O VENTO O VAZIO SE ESVAI

A – Talvez você pudesse ter decidido que este é o fim.

Mas não é. Agora é dia. Você está seca e quente, deitada nas folhas. O sol estala. Eu quero que você se levante. Salvei você de uma hipotermia, não quero que você pegue uma insolação.

B – Vai me salvar sempre?

A – Talvez.

90

B – SAIA DAQUI VOCÊ SABE QUE EU VOU MORRER
AFOGADA

A – Não. Não vai.

B – Hoje eu menstruei. Azul.

A – É um bom começo.

B – Difícil. Muito escuro.

A – Porque não há lua. É difícil até mesmo ver o chão.

B – Você não tem idéia de há quanto tempo já está aqui, não é? As vermelhidões se foram por completo?

A – Estão azuis agora.

B – É muito tempo.

91

A – E o frio machuca. O calor foge do corpo e sai branco da boca.

B – Mas este não é o fim.

A – Não. Agora é dia. É quente.

(Cena oceanicamente azul. A inundação do banheiro já chega pela cintura)

A – Isto só piora. Meu ouvido fede, minha pele está rasgando de feridas e é difícil respirar. Um inferno. Onde só eu tenho alergia.

B – Só nascendo de novo. É simplesmente impossível. Como estarmos aqui.

A – Quase. Quase este tanto.

B – Este tom de azul não existe.

A – Ainda não.

B – Ou talvez você esteja virando uma rã e, quando tudo acabar, só eu vou morrer afogada.

A – Tenho fobia de anfíbios.

B – Eu sei. Mas aí passa.

A – Tenho nojo. Asco profundo. Repulsa.

B – Passa.

A – Raiva. Medo. Muito medo.

93

B – Passa tudo.

A – Ódio.

B – É isto que a sua pele não aceita.

A – Ódio. Que porra de pele!

B – Mas vai ser bom não precisar morrer afogada.

A – Eu tento ter só pensamentos bons.

B – Só nascendo de novo.

A – Não é impossível. Estamos aqui. Sempre. Agora. Na água doce.

B – Este tom de azul não existe.

94

A – Você não vai morrer afogada.

B – Você não sabe.

A – Eu sempre soube.

B – Passa-se onde?

A – No rio. Tudo isto. Desde o início.

(Cena impossivelmente azul. A água está na altura do pescoço)

B – E o que acontece depois?

A – Tudo fica quieto.

Ana Ferreira

Artista e pesquisadora teatral. Entre outros, atuou nos espetáculos “Na Verdade Não Era”, do Teatro de Ruído, “Jesus Vem de Hannover”, “Parasitas” e “Mecânica”, estes três da Companhia Silenciosa. É integrante da ACRUEL Companhia, na qual: colaborou na dramaturgia e encenação do espetáculo “As Ruas de Bagdá ou Aranha Marrom Não Usa Roberto Carlos”; desempenhou as funções de dramaturgia, encenação e interpretação no espetáculo de rua “Espaço Outro” e, atualmente, integra o processo de criação da peça “É Uma Vez e Para Sempre”.



Max**Reinert**

Hipotermia

{Peça escrita durante a Oficina Regular do Núcleo de

Dramaturgia SESI Paraná, sob orientação de Roberto

Alvim, no ano de 2010}.



Max**Reinert**

Hipotermia

(Penumbra)

Homem:

..... tudo para que eu não tenha que para que eu não
tenha que pensar em nada do que eu não tenha vontade de
pensar do que eu não tenha essa vontade de pensar em nada
do que eu não tenha essa vontade esse desejo esse desejo de
fazer de matar de comer de sair de ficar livre desse frio dessa
vida dessa vontade desse desejo dessa porra desse desejo que
eu tenho e às vezes não consigo controlar não consigo parar
de pensar e me deixar ficar aqui sem vontade de não fazer
nada que eu não tenha vontade de nada que eu não queira
e não possa fazer sem que depois venha algum filho de uma
puta e me diga que eu não tenho vontade de fazer nada com
que eu não possa viver com nada nem ninguém que eu não
.....

(Abre uma luz fria

Uma caixa de vidro

Um aparelho de comunicação

Gelo

O homem, dentro da caixa, congela)

Concentra

104

Concentra, porra!

Esquece as mãos tremendo

Esquece o frio

Conta

Conta, porra!

01

02

03

04

05

07

08

06

08

105

01 minuto

01 hora, 45 minutos e 28 segundos

365 dias, 07 horas e 49 segundos

09 meses, 06 dias, 13 horas e 57 segundos

13.879 dias, 19832 semanas, 456 meses, 38 anos

01 vida

Do que você precisa?

Hein?

O que você quer?

Hein?

Hein?

Organiza os pensamentos

Quanto tempo você deseja?

Dois segundos

Dois segundos!!!!

106

Coisa de dois segundos

É, mais ou menos, o tempo que uma pessoa leva para reagir
diante de uma situação de perigo

A pessoa vê o perigo, toma uma decisão

e... reage

Coisa de dois segundos

Então é isso: Sua vida depende de dois segundos

Agora, imagine que tudo o que eu lhes contar
acontece em apenas dois segundos

Você inspira

Você levanta o pé direito e, ao abaixar, o apoia sobre o
paralelepípedo

Você faz o mesmo com o pé esquerdo

Você escuta um barulho estridente

Você gira a cabeça 97 graus

107

Você vê o ônibus vindo em sua direção

Você vê o motorista olhando assustado para você

Você vê as pessoas dentro do ônibus se desequilibrando

Você vê o ônibus tentando desviar de você

Você deixa o sorvete cair de sua mão

Você tem o impulso de pular

Você sente o primeiro impacto do ônibus em seu quadril

Você sente seu corpo girando no próprio eixo

Você sente a queda, antes mesmo dela começar

Você sente o impacto contra o solo

Por dois segundos seu corpo pára de respirar

Por dois segundos seu sangue começa a escorrer pelo asfalto

Por dois segundos seu pensamento viaja pela sua infância

Por dois segundos seu batimento cardíaco ainda resiste

Por dois segundos seu olhar encontra as nuvens

Por dois segundos as pessoas se aproximam de você

Por dois segundos sua audição escuta palavras de consolo

Por dois segundos sua esperança ainda está intacta

Por dois segundos sua visão começa a ficar embaçada

Por dois segundos sua memória se esvai

Por dois segundos sua vida escapa de suas mãos

Quanto tempo você perdeu?

Quanto tempo você ganhou?

Quanto tempo você deixou?

Quanto tempo você guardou?

Quanto tempo você...

Dois segundos

Apenas dois segundos

Então é isso. Uma vida depende de dois segundos

(pausa)

Você vê alguém do outro lado da rua

Você levanta o braço

Você acena

Você espera ser visto

Você sorri

109

Você impulsiona o quadril

Você dá um passo

Você escuta um barulho estridente

Você gira a cabeça 97 graus

Você vê o ônibus perdendo a direção

Você vê o ônibus tentando desviar do corpo de alguém

Você tem o impulso de correr

Você vê o impacto do ônibus em alguém

Você vê a queda, antes mesmo dela começar

Você vê o impacto contra o solo

Por dois segundos seu corpo pára de respirar
Por dois segundos seu pensamento viaja pela sua infância
Por dois segundos seu olhar se perde
Por dois segundos você corre sem pensar em nada
Por dois segundos sua boca diz frases de consolo
Por dois segundos sua esperança ainda está intacta
Por dois segundos sua visão percebe que não há o que fazer

Por dois segundos uma vida escapa de suas mãos

Quanto tempo você...

Quanto tempo...

Apenas...

dois malditos segundos

Eu te amo, ela disse

Te amo muito

E eu acreditei

Me perdoa, ela disse

Por favor, perdoa

E eu perdoei

Fica comigo, fiquei

Me deixa, deixei

Me leva embora, levei

Vai embora, fui

111

Tudo era sempre uma questão de dois segundos

Entre impulso e reação

Entre desejo e realização

Dois segundos

Hein?

eu não sei...

não sei

porque a morte em si, ela...

ela chega num ponto em que...
por exemplo,
eu cheguei a contar aqui quando
no outro dia eu
apertei o
pescoço com força, mas...
eu parei, e...
eu não sei...
infelizmente nesse dia eu...

112

Me dá dois segundos...

Dois segundos...

é um tipo de impulso que...
depois, passa...
é um tipo de impulso que...
assim, tem um ápice...
depois, passa...
ainda respirava...
ainda tinha vida...
eu podia ter parado...

não fosse a campainha...

eu pensei que era alguém...

eu pensei que...

porra!

não fosse a campainha, teria passado...

eu teria respirado...

daquele momento em diante eu teria feito tudo para salvar sua

vida...

113

eu tava no pico...

depois baixava...

mas, *(imita o barulho de uma campainha)*...

o apartamento não tinha olho mágico...

eu tinha que abrir a porta e não sabia quem tava ali...

qualquer barulho podia...

você começou a despertar e...

naquele momento ali eu...

em vez de, *(bate na perna com força)*...

coisa monstruosa...

eu fiz...

coisa de dois segundos...

dois segundos ...

É assim:

todos os dias eu faço o mesmo percurso...

quarto, cozinha, banheiro...

eu não entendo...

dois ou três dias antes eu fiz o mesmo percurso...

o mesmo ritual...

e não aconteceu nada...

a gente ficou junto...

a tarde toda...

a noite toda...

e não aconteceu nada...

chegamos a ir ao apartamento de um amigo...

convivência social, sabe...

e não aconteceu nada...

eu não consigo entender...

é um negócio...

é um tipo de impulso...

desagradável

(pausa)

Desagradável...

(pausa)

VOCÊ é uma pessoa muito desagradável

115

Lembro

como se fosse ontem

de todas as vezes em que eu fingi estar me divertindo com

sua presença

Sim

eu aprendi com você a ser hipócrita

Pelo menos isso eu lhe devo!

Não é irônico?

Você acabou me proporcionando uma de minhas maiores
virtudes

A hipocrisia hoje em dia é uma imensa virtude
Sem ela é praticamente impossível viver tranquilamente

Mas isso não minimiza o fato de você ser desagradável

Ou seja

eu lhe sou grato

mas não te suporto

(Inspira)

E o sexo?

Praticamente uma tortura

Seu corpo suado me dava...

melhor

me dá asco

E todas as vezes em que era obrigado a te tocar?

Desagradável...

É desagradável

Se eu fosse obrigado a te tocar por mais dois segundos...

Eu...

Eu fui...

(pausa)

Desagradável

117

(pausa)

Organiza os pensamentos

Vai, organiza essa porra

Vai...

Esquece o ruído

esquece a mão tremendo

respira

Respira, porra!

respira

Vocês estão sentindo frio?

Concentra

concentra!!!

Vocês também estão sentindo frio?

118

Esquece a batida no quadril

Sente as costas encostando no chão

Respira

respira

res pi ra

Me dá dois segundos?

A gente pode...

A gente pode... interromper um pouco agora?

Só um tempinho pra respirar...

Sim?

Dois segundos...

Sim...

119

Alguém poderia por favor apagar essa luz?

Hein?

Apaga!

(luz apaga)

Melhor

Não...

Não!

Acende...

Desculpa.... eu não peço mais...

Acende, porra.

(implorando)

Acende, porra!!!

(luz acende)

120

Obrigado!

Segura minha mão....

Tá tão frio aqui...

Hein?

(com calma)

uma porta se abre

sua mãe está te trazendo algo

uma calça

uma camisa

uma sensação

você correndo por uma rua estreita

 você caindo em um poço

 você olhando pro céu

 você sendo puxado

 sua vista doendo

Você sabe onde você está?

(pausa)

Sabe?

121

(pausa)

Você sabe o que você é capaz de fazer?

(pausa)

Sabe?

(pausa)

Você sabe o que você é capaz de fazer com os seus

dois segundos?

(pausa)

Você sabe do que você é capaz de fazer com os seus dois

malditos segundos?

Concentra!

Enfia essa porra de dois segundos no cu!

Concentra!

Concentra...

Concentra...

Concentra...

122

Presta atenção aqui ó

Aqui...

neste frio...

nesta...

Porra!

Aumenta a música!

Aumenta a música para que eu não tenha que pensar em

nada

Aumenta a música para que eu não tenha que pensar em nada do que eu não tenha vontade de pensar do que eu não tenha vontade de pensar em nada do que eu não tenha essa vontade de fazer de matar de comer de sair de ficar livre desse frio dessa vida dessa vontade desse desejo dessa porra desse desejo que eu tenho e às vezes não consigo controlar não consigo parar de pensar em aumentar a música e me deixar ficar aqui sem vontade de não fazer nada que eu não tenha vontade de nada que eu não queira e não possa fazer sem que depois venha algum filho de uma puta e me diga que eu não tenho vontade de fazer nada com que eu não possa viver com nada nem ninguém que eu não possa pensar

Aumenta a música para que eu não tenha que pensar em
nada

Se esses são os meus dois últimos segundos
que, pelo menos eles
sejam do jeito que eu quiser

(pausa)

Você caminha pelas ruas de madrugada

O álcool que bebeu não ajuda a enxergar as coisas mais

claramente

Entre um tropeço e outro, procura por companhia

Na verdade, sexo

Não há mais motivos para mentir, não é mesmo?

Esteve até há pouco em um bar de quinta

As bebidas não eram de procedência muito confiável

O uísque 12 anos devia ter umas 12 semanas...

e olhe lá

Você enxerga tudo através de uma lente embaçada

Pelo desejo

Pelo clima

Pelo nevoeiro

Acaba de dobrar uma esquina e enxerga algo que parece ser
uma mulher

Para mim

a essa hora

tanto faz

Poderia ser de outra forma?

Ela olha para você

do outro lado da rua

olha e sorri

125

Um sorriso embaçado pelo álcool

Mas que convence você a segui-la

Da rua à porta é uma questão de segundos

Da porta da casa à porta do quarto

outros tantos

Primeiro é a saia que cai ao chão

depois o sutiã

Nua...

e embaçadamente linda

Cheirosa

Desejável

Eu seria capaz de tragá-la inteira

mesmo bêbado

mesmo trôpego

eu teria desejo suficiente para descarná-la

e comê-la

inteira

Da cama ela puxa você para a mesa de jantar

Deita-se sobre a mesa como uma oferenda

Uma refeição para mil talheres

Se em algum momento você estava usando roupas

não me lembro

Agora você é somente um falo

Nada existe que não seja o desejo

Quando você entra nela é o paraíso

Ela é seu alimento

Você é o dela

127

Um baque surdo e você cai no chão

Mas, é como se o chão estivesse há, no mínimo, 03 metros

abaixo dos pés

Levanta a cabeça e a vê olhando lá de cima

A porta do alçapão ainda balança lentamente

Tudo escurece

menos a luz suave que emana dela

Lá em cima

olhando

e sorrindo...

acho...

Aos poucos o alçapão vai se fechando

A escuridão vai tomando conta do lugar

Você ainda tenta olhar para cima e dizer algo

Não há mais tempo

128

No escuro

No silêncio

Você não sabe mais se a vista está embaçada ou não

Não sente seu corpo

Apenas escuta

(pausa)

Primeiro um silêncio mortal

(pausa)

Aos poucos consegue distinguir sua respiração

(pausa)

e outra

Não estamos sozinhos

Nós nunca estamos sozinhos

129

(pausa)

Escute!

Alguém caminha sobre um chão úmido

Escute!

Uma lâmina corta a pele

Gotas de sangue tocam o chão

Escute!

Um homem agarra um corpo sem vida e joga sobre uma mesa

O sangue escorre pela garganta e se acumula sobre a placa

de alumínio

Escorre pelo ralo

Escute!

Ele amarra as pernas com uma tira de couro

Ergue-as

O sangue escorre mais rápido

Aos poucos você vai perdendo a cor

130

Tudo ao redor vai ficando excessivamente branco

Quanto mais lento o sangue começa a escorrer

mais para o alto as pernas são puxadas

Você está quase de cabeça para baixo

quase sem sangue

Quanto tempo passou?

Dois segundos?

Duas horas?

Duas vidas?

Agora consigo ver a cena por inteiro

Eu sou um pedaço de carne

Eu sou o açougueiro

Manejo as facas com maestria

Separo parte por parte

Desosso

Limpo

Fatio

131

Tudo muito limpo

Tudo muito rápido

Tudo muito óbvio

Tudo muito frio

(pausa)

Desde que consigo lembrar

sempre suspeitei de algo maligno em mim

Nunca tive certeza do que era
Mas sempre esperei que se revelasse

E agora
.....
.....
.....
.....

132 isso

É quase um alívio

(pausa)

Desde que me entendo por gente
sei que não ando sozinho em mim
Nunca tive certeza do que era
Mas sempre soube que se revelaria

E agora
.....
.....
.....
.....
..... dois segundos

É quase um conforto

133

(pausa)

Se eu olho para você
por mais que eu não queira
construo uma história

Sei por onde andou
Sei o que fez
E o pior...
o pior de tudo...

Sei o que desejou

Quem

Quando

Como

Sei como pensou em matar sua sede

134

(pausa)

Minha sede

Sei como andou por todos os lugares

Divertindo-se

Sei como se aqueceu

(pausa)

Me deixando aqui

nesse frio

Sei que aumentou a música para que não tenha que pensar em nada do que não tenha vontade de pensar do que não tenha vontade de pensar em nada do que não tenha essa vontade de fazer de matar de comer de sair de ficar livre desse frio dessa vida dessa vontade desse desejo dessa porra desse desejo que você tem e às vezes não consegue controlar não consegue parar de pensar em aumentar a música e se deixar ficar aí sem vontade de não fazer nada que você não tenha vontade de nada que você não queira e não possa fazer sem que depois venha algum filho de uma puta e diga que você não tem vontade de fazer nada com que não possa viver com nada nem ninguém que não possa pensar.....

135

(pausa)

Sei...

agora eu sei...

Concentra, porra

Presta atenção aqui

(pausa)

Você me ama, eu disse

Me ama muito

Eu acreditei?

Você perdoa, eu disse

Você perdoa

E eu me perdoei

Fica comigo, fiquei

Me deixa, deixei

Me leva embora, levei

Vai embora, fui

(pausa)

Me dá dois segundos?

A gente pode...

A gente pode... interromper um pouco agora?

Só um tempinho pra respirar...

Sim?

Dois minutos...

137

Duas vidas?

Se eu pudesse sair daqui

Com certeza faria tudo novamente

Reagiria da mesma forma

Desejaria da mesma forma

Responderia da mesma forma

Dois segundos é pouco tempo

(pausa)

Organiza os pensamentos

Vai, organiza essa porra

Vai...

Esquece o ruído

esquece a mão tremendo

respira

Respira, porra!

Respira, porra!!!!

138

Vocês estão sentindo frio?

Concentra

concentra!!!

Vocês também estão sentindo frio?

Esquece a batida no quadril

Sente as costas encostando no chão

Respira

Respira, porra!

Me deixa sair daqui?

(golpeia uma das paredes da caixa)

Me deixa sair daqui para que eu não tenha que pensar em nada
do que eu não tenha vontade de pensar do que eu não tenha
vontade de pensar em nada do que eu não tenha essa vontade
de...

139

(golpeia com mais força)

Essa vontade de...

Esse desejo de...

(golpeia com mais força)

Esse desejo...

(rompe a caixa)

(pausa)

(caminha para fora do que restou da caixa)

140

Dizem que quando você morre, toda a sua vida passa na sua
frente em apenas um segundo...
ou dois

Meus dois segundos parecem não acabar nunca

Ao mesmo tempo...
sobraram apenas poucas imagens

uma porta se abrindo

sua mãe te trazendo algo
você correndo por uma rua estreita
você caindo em um poço
você olhando pro céu
você sendo puxado
sua vista doendo

Ao invés de uma cena de teatro, um fragmento de filme

Uma pessoa caminha em um deserto sem fim

141

Luz azul, fria

Não é possível ver os olhos

Contra-luz

Não há horizonte à frente do personagem

É tanta vontade não realizada, é tanta...

Como uma gaita de boca. Harmônica

Fragmentos, momentos com trilha sonora em inglês

Ausência

There`s nothing I can do about it now

Uma parada ao longo do caminho

Tempos remotos quando

conversas intermináveis

nos davam a

sensação de

estarmos vivos

142

Fragmento de prosa

Vidas levadas ao cabo

Presenças ausentes

Bla, bla, blá

Comida de gato

(neva)

Max Reinert é ator e diretor de teatro, integrante da Téspis Cia. de Teatro, de Santa Catarina, desde sua fundação em 1993. Catarinense de nascimento, tem formação autodidata e com sua Cia. produz espetáculos com os quais já visitou diversos estados do país, além de Portugal, Venezuela, Chile, Paraguai e Argentina. Seu primeiro texto teatral publicado pelo Núcleo de Dramaturgia do SESI-PR (Pequeno Inventário de Impropropriedades) recebeu prêmios de Melhor Texto Original nos festivais nacionais de teatro de Limeira e Americana, ambas no estado de São Paulo.



AnaJohann **osqueseveem**

{Peça escrita durante a Oficina Regular do Núcleo de

Dramaturgia SESI Paraná, sob orientação de Roberto

Alvim, no ano de 2010}.



Ana**Johann**
osqueseveem

Dedico esta primeira peça ao meu marido, companheiro de todos os dias. Um homem especial que me incentiva a escrever e seguir adiante. É pra você Marcos Freder.

PERSONAGENS

EME – uma mulher

H – um homem de 68 anos

h– um mocinho

H – um homem de 40 anos

EME dorme em uma cama de casal só de calcinha. O quarto está escuro. **h** é um mocinho com um arma na mão.

EME vai acordando e olha pra ele ainda sonolenta.

h

Levanta e se veste levanta e se veste levanta e se veste
não tem luz nesta porra não tem luz nesta porra
levanta e se veste
prefiro você de roupa
levanta e se veste porra!

153

Entra **H**, um homem de 68 anos apontando uma arma para a cabeça de **H**, um homem de 40 anos.
H acende a luz. **EME** olha sem mirar os olhos de ninguém.

H

Me alcança uma camiseta, por favor.

H

Ninguém vai se machucar aqui. Senta na cama!

H

A camiseta.

154

H

Um de cada lado. Eu disse. Ninguém vai se machucar aqui. Eu gosto de trabalho extra-turno.

H e h abrem o guarda-roupa e começam a jogar todas as roupas no chão. Jogam uma camiseta para EME. Ela coloca a camiseta entre as pernas.

h

Cadê o meu quepe cadê o meu quepe

não tem farda nesta porra não tem farda nesta porra

H

Nós não vamos nos machucar aqui. O cidadão não quis seguir o seu trilha, deixa ele ser gerente de banco. Amar a Magaba. Deixa. Porra. Agora o lance é outro.

H

Eu nunca quis ser piloto.

155

h

O avião dá partida o avião dá partida
e você aí sentado nesta porra vadio

H

Nós não vamos nos machucar aqui, você só precisa prestar atenção onde está a chave do cofre.
Preciso prestar atenção onde está a chave do cofre. É a grana.

H

Só o dinheiro da carteira, o que restou do supermercado.

H

E estas roupas de Magabo? Homem bem sucedido se veste de terno e gravata. Porra.

EME

156

Não! Não mexe nas minhas roupas.

H

A Magaba fala, pensei que fosse muda, deveria ser cega também, seria muito bom que a minha mulher fosse cega e eu ainda tivesse você.

h

Não tem criança nesta casa não tem criança nesta casa

levanta e faz agora.

Não! Eu prefiro ela de roupa.

H

Nós não vamos nos machucar aqui. Olha pra mim.

Olha pra mim eu disse.

Olha.

Não podemos morrer assim. É preciso se dar muito bem nesta porra. De. Vida.

157

Pro-cu-ra a cha-ve.

Olha por ali, fica de olho onde esse policial de merda guarda a chave. Finge que trabalha contando as moedas do banco.

As que sobram eu guardo. A mulher do café pode ser útil.

Elas sempre sabem de tudo.

H

Eu tenho que tirar essas ideias da cabeça, eu não posso me tornar um bandido. Porra.

H

Cadê o meu velho? Vamos passar um alarde.

H

Você quer esquecer? O pai está morto.

Eu estou fazendo as provas para ser piloto de avião.

Falta uma etapa, o voo. Tô saindo de um trajeto e tenho que ir até o outro aeroporto.

158

Faço e refaço,

construo uma pista, um sonho. O melhor Magabeiro das estrelas.

O céu está azul, nenhuma nuvem passa nem silenciosamente.

O telefone toca três e meia da manhã, mais um enfarte.

O velho não aguenta.

Poderiam ter esperado eu terminar o teste para avisar.

h

O pai vai morrer o pai vai morrer

eu não quero casar com essa mulher eu não quero casar
com essa mulher
tem coca-cola? Tem coca-cola?

H

Eu mudei o lugar da coca. Dentro do guarda-roupa.
Pegue.

EME

159

Para com isso! O que você quer de mim?

H

Cala a boca e veste a camiseta. Quer mostrar o quê para
o mocinho? Ele já disse que nunca se interessou por
você.

Eu não sei em que altura eu me caso com você.

Eu sei.

Conta a ela por que tem que fechar o caixa do banco até

tarde todas as noites.

H

Para para para.

H

Não, eu não tenho amante. Antes eu tivesse alguma distração noturna. Eu fico no banco até tarde para não chegar em casa e olhar pra você. Você finge que goza na minha cama pra ficar debaixo do meu teto. Não me dá nada em troca.

160

H

Velho magabo de onde você saiu?

H

Você vai continuar na mesma situação? E por que você não despacha a Magaba?

Medo. Eu tenho medo de ficar velho e me sentir sozinho.

Falido, sem ninguém.

H

Você já sabe tudo, é um homem inteligente e mal sucedido. A chave está na terceira gaveta dentro da caixa de coca. Daqui a pouco o vigia troca de turno.

H

Nós não vamos nos machucar aqui. Eu quero a Magaba de volta, ela pode ser útil, cuidar de mim quando estiver acamado e não conseguir mais levantar para tomar um copo d'água.

Eu estou aqui. É você quem já não está.

O tempo passou meu caro. Senta no seu lugar. Eu sou velho e ao menos ainda consigo falar porra.

h

Senta e escuta senta e escuta
escuta porra

H

Os sonhos estão morrendo.

h

Eu quero viver eu quero viver porra

eu preciso daquele avião eu preciso daquele

H

162

Meia-noite e vinte. Domingo, todos dormem mais cedo.

Você está dormindo no sofá da sala. A sua Magaba está agora dormindo de calcinha no segundo andar. Sons de carro ressoam bem longe. Você se esquece que é alguém, que precisa ter um sonho, que precisa provar algo pra alguém. Você me esquece.

Eu apenas durmo.

O som da TV vai ficando cada vez mais baixo, começo a cochilar. Alguns cachorros latem na rua. Muro baixo,

nenhum impedimento. O comparsa Magabo pula o muro e encosta a arma no vidro, eu esbugalhado no sofá. A porta está aberta, imbecil, ele aponta a arma, me olha, não preciso dizer nada.

Finalmente podemos nos encontrar.

EME

Por favor eu vou embora. Deixe eu viver.

163

H

Eu subo as escadas. Acendo a luz, ele pede para eu ficar sentado, olhar pra ele e apenas indicar onde está a chave.

EME

Por favor. Eu vou embora, eu encontro algum lugar. Eu tenho parentes nesta cidade.

Se quiser eu fico com você quando...quando tiverem

caído todos os seus dentes. Enxugo as suas pernas quando o xixi estiver escorrendo e não...

Eu dou coca-cola a você de conta-gotas. E posso entupir o seu nariz também.

H

Eu abandono o banco, refaço o teste de piloto. Eu deixo ela ir embora.

164

h

Cadê o avião que o papai deixou ali o avião que o papai deixou ali o avião

H

Nós subimos as escadas. A minha mulher ainda está pelada. Nós estamos sentados na cama. A minha mulher Magaba nunca veste a camiseta. Eu conto por que chego tarde todas as noites e o que eu iria fazer no banco com a chave.

Uma luz se acende no corredor

Eu te pergunto o que é que eu ganho?

h H H

A vida a vida porra vida porra porra

H

Já sou velho e nada enche o meu copo. Não sou piloto
de avião.

165

E o pai continua vivo para enxergar tudo.

h

Olha o avião olha o avião

escuta o som da turbina escuta o som da turbina

ele voa ele voa lá no céu

H

Nós dois sentamos aqui na cama. Ela veste a camiseta.

Ninguém vai se machucar aqui. Eu chego tarde todas as noites. Ela faz janta, põe o chinelo nos meus pés, deixa o chuveiro ligado para ficarquentinho o banheiro, me diz coisas agradáveis de ouvir. Me joga na cama, faz massagem nos meus pés. Derrama coca-cola em mim e eu a faço gozar.

Arrumo a minha mala, coloco o meu uniforme de piloto.

Passo uma semana inteira no céu.

166

Nós voamos lá no céu porra.

A luz se acende no corredor. Silêncio. Nenhuma palavra ousa.

O Magabo, o magabo, o magabo.

H H h

Eu sentado na cama. Ela está sem a camiseta.

EME

Para com isso. Vá e eu me vou também.

H

Ela diz para com isso. O meu comparsa Magabo, colega de banco quer ficar com todo o dinheiro. Eu já lhe dei o que ele queria.

Nenhum acordo, um tiro acerta a magaba.

Ela continua dizendo algumas palavras. Eu odeio você, você vai ficar sempre sozinho e sem ninguém por. Perto. Água.

Você. MAGABO. Me ajuda. Coca. Dentes. Está ardendo. A bala é quente, arde. Ai. Ai.

167

Me ajuda

MAGABO

me vê ME OLHA MAGABO

o Magabo traiçoeiro desce as escadas correndo e vai embora.

Eu visto a camiseta cheia de sangue, desço as escadas rapidamente. A luz continua apagada. Abro uma coca-cola e subo para o quarto. Sou um homem livre.

H

Some daqui seu velho magabo, bandido. Eu sou um bandido.

H

Não adianta não adianta
você poderia poderia

168

ter

pensado pensado

antes antes

nós não vamos nos machucar aqui. Não mais.

H

O que quer de mim se o tempo já passou? Já sou um velho.

H

O que eu posso te dar?

A chance. A escolha.

H

A dúvida.

H

169

Muitas coisas ainda vão passar diante de nós.

EME

O ônibus, o carro, o avião passa.

h

Eu posso fazer agora um avião

ele voa ele voa

H h H

Lá no céu

h

Eu sou um velho magabo.

H

Eu sou

170

H

Homem magabo

H h H

Eu sou um homem

H

Eu posso fazer o que eu quiser?

h

Eu posso eu posso

H

O que eu quiser

H

Eu quero te matar. Não quero mais olhar. Você me
aborreço ainda mais. Ela.

171

h

Ela pode ficar ela pode ficar

H

O que eu posso te dar?

h

O que eu posso ganhar o que eu posso ganhar

H

Em troca o que você me dará?

H

Cada dia que cai olho no espelho e me levanto,
o tempo está entre as folhas secas.

Dói.

Os que se veem.

h

Está escuro no banheiro. Eu gosto de tomar banho
assim.

Os meus pêlos estão começando a crescer. Passo os
meus dedos e eles ainda estão ásperos.

Quero que eles cresçam rápido, logo serei dono de mim.

Um homem.

Eu vou ser piloto de avião.

Não vou ter que explicar nada nada
vou para a escola se eu quiser. Quiser
passo na casa do amigo e não aviso ninguém
se quiser posso adquirir algum vício.
Posso. Eu quero. Experimentar.

H

Não se iluda com os seus pêlos, eles vão desaparecer
um a um como apareceram um dia. Nem servirão para
segurar o seu saco. E também você nem vai enxergá-
los mais. A visão ficará turva e confusa.

173

H

Você é confuso Magabo. **Porra pensa
demais**

H

O tempo se faz lá fora. A grama está crescendo neste
momento, assim como as unhas dos mortos. Estou 68

anos aqui.

H

Você deveria fazer um implante de pêlos. Eles te protegem.

h

Os pêlos te protegem os pêlos te protegem

174

H

Dos dedos que apontam dos dedos que apontam
mando pro inferno. O meu também queima.

H

Não sei por que gostam tanto de me ver assim.

Entope de si mesmo velho. Começa por comer as suas
orelhas. Assim não escutará mais nada.

Nenhuma voz que venha na direção de um dedo,
nenhuma voz que venha com tom de voz de pai que quer

me calar.

Arranca os últimos pêlos da cabeça, do peito, do nariz.

Mói o seu dente no liquidificador, assim vai falar menos,
emitir menos opiniões.

Coma as suas orelhas

antes que eu coma as do meu pai

antes que eu chupe os seus
admiráveis olhos que nada
deixam escapar.

175

Me alcança a manta por favor ela deve estar com frio.

As gotas de orvalho gostam de ficar zunindo no meu
ouvido.

Está ficando cada vez mais frio.

Me alcança a manta.

H

Cadáveres não sentem frio.

H

Por que a insulta? Ela pode lhe servir água quando os seus dedos não conseguirem mais agarrar um copo. É preciso ficar com a Magaba. Ela pode lavar as roupas. Passar bem. Cozinhar. Ligar a TV, trocar as fraldas, arrumar algum dinheiro. Linda Magaba.

O tempo está arruinado meu caro, choverá nas próximas 365 horas. Temos aqui um corpo de Magaba. Um corpo de mulher que um dia quis ser só minha.

Você não poderá mais pilotar seu avião. Ele não decola. Não há autorização pra isso.

h

Está autorizada a decolagem está autorizada a decolagem

H

Ninguém voará com você. Terá que ir sozinho. Você é um velho sem pêlos e ninguém quer te ver.

H

Olha a grama está crescendo, já é primavera. A natureza se refaz. Você corta a grama e ela cresce de novo.

H

A grama se esquece que é vegetal ou nunca soube.
Você ainda tem alguma potência para ser, mas quase nenhuma para ter. Ter é muito importante meu caro.

177

H

Nós não vamos nos machucar aqui.

H

Mais, você quer dizer?
Não conseguimos nada nada.
Olha o que você fez?

h

Roubaram o avião roubaram o avião

H

É preciso ter uma posição, que saibam quem você é, que nos vejam. A polícia vai me ver.

H

Você só viveu metade ainda. Terá que passar esses anos e sentir o que é viver 68. Todos os dias, todas as horas, milésimos de segundos. Segunda, terça, quarta, magabeira, sexta. Magabeira menor. Só magabeira.

h

Eu não quero ser eu não quero ter
eu só quero pilotar o meu avião
levanta porra e sai andando
você também também.

vai pra janela pra janela eu disse. Mão na cabeça na
cabeça cabeça

Tenho 18 anos 18 18 18 e posso fazer
o que eu quiser quiser quiser quiser

QUISER QUISER

QUISER.

179

Não deixarei a minha vida com esses que nos veem.

ANA JOHANN Roteirista e documentarista. Graduiu-se em jornalismo, se especializou em múltiplas linguagens pela PUC – PR e fez especialização em direção de documentário pela Universidade de Barcelona na Espanha.

Dirigiu e roteirizou os documentários “de tempos em tempos” e “abaixo do céu”, ambos contemplados pelo Ministério da Cultura. No momento está em edição o seu terceiro documentário, o longa-metragem “um filme para Dirceu”.

Atualmente administra sua produtora independente, a Capicua Filmes (www.capicua.com.br), e é roteirista free-lancer.

ana@capicua.com.br



FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO PARANÁ | FIEP

Edson Campgnolo

Presidente

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA | SESI | Depart. Reg. do Estado do Pr

José Antonio Fares

Diretor Superintendente

Maria Cristhina de Souza Rocha | Gerente de Desenv. de Produtos

Anna Paula Zétola | Gerente de Cultura

Sergia Regina Chapelen Dubas Martins | Gerência de Cultura

Neiane da Silva Azevedo Andreato | Gerência de Cultura

Janaina Coelho Adão | Gerência de Cultura

NÚCLEO DE DRAMATURGIA SESI PARANÁ

Marcos Damaceno | Coordenação e Produção

Roberto Alvim | Orientação da Oficina Regular de Curitiba

Janaina Fukushima | Assistente de Produção

Elenize Dezgeniski | fotografia

Gabriela Mellão e **Lucianno Maza** | Curadoria externa

CENTRO CULTURAL TEATRO GUAÍRA

Monica Rischbieter | Diretora Presidente

Mara Moron | Diretoria Artística

Walter Calabresi | Diretoria Administrativa e Financeira

BRITISH COUNCIL

Jim Scarth | Diretor do British Council Brasil

Eric Klug | Diretor do British Council São Paulo

Luiz Coradazzi | Diretor de Artes

Pedro Vargas | Gerente de Projetos

Malu Penna | Analista de Projetos

Catálogo

Pandita Marchioro

Projeto Gráfico

Maria Cristina Pacheco

Realização:



Parceria:



Apoio Cultural:

